

“Terrível turistificação” do Porto coloca cidade na linha da frente de um “colapso geral”

Mariana Correia Pinto – Público – 17 de abril de 2024

Há uma razão primordial e simples para justificar as motivações do último livro de Carlos Taibo: “Eu gosto do Porto.” Nascido em Madrid, filho de dois galegos, o escritor e especialista em política internacional visitou a cidade inúmeras vezes e reconhece nela uma espécie de genética galega. O livro *O Nosso Porto – Um Olhar a Partir da Galiza* (Através Editora) afasta-se dos guias turísticos convencionais e assume-se como um “ensaio aberto e pessoal” sobre a cidade. Um relato com História, mas também com pessoas, edifícios, façanhas, feitos e defeitos.

Para o escritor espanhol, uma obra como esta fazia falta na Galiza, aonde chega sobretudo “uma leitura turística convencional do que é o Porto”. Carlos Taibo assume o sentimentalismo: “Creio compreender o Porto como se fosse moderadamente meu”, escreve, a dada altura, no livro com prefácio e fotografias de Carlos Mendes Pereira. Que ligação especial é esta? “Para mim, o Porto é uma cidade galega. Vivo em Madrid e, quando chego ao Porto, penso que estou na Galiza”, diz ao PÚBLICO. “Ajudam o orvalho, a névoa, a língua e uma história em boa parte compartilhada. Por trás intuo que está a imagem da velha *Gallaecia* romana, que chegava até ao Douro.”

Do Porto, Taibo gosta sobretudo “das suas gentes, que quando alguém pergunta por uma rua ou por uma igreja, conservam esse hábito de responder com um ‘venha comigo’.” Desse mesmo Porto, não gosta dos “efeitos dramáticos e deturpadores da turistificação” (que merece um capítulo do livro). Nem do “desaparecimento de livrarias e cafés” (aos quais dedica dois capítulos).

A primeira visita do autor espanhol ao Porto foi feita com poucos meses, à boleia de uma amizade que os pais mantinham com uma família portuense. Duas décadas depois, Taibo começaria a viajar regularmente até ao Porto. Primeiro, como “turista pouco consciente”, ficou-se pela Baixa e o caminho até ao rio. Mais tarde, descobriu outra cidade: a da foz do Douro, a da fachada litoral e, depois, a de Matosinhos e Leixões (Grande Porto, nestes dois casos). (...)

Relações "muito pobres"

Entre o Porto e a Galiza, os seus dois territórios afectivos, “que configuram um mesmo espaço e partilham muitíssimas realidades”, persistem, no entanto, eles menos fortes do que seria desejável. “Ainda que as relações económicas e comerciais tenham crescido, considero que os fluxos culturais, e com eles o conhecimento mútuo, continuam muito pobres”, lamenta Carlos Taibo, que dedica também um capítulo a este tema.

Visto de solo galego, o Porto é “uma cidade muito interessante, mas claramente marcada, na maior parte do seu território, por uma terrível turistificação que é provavelmente irreversível”. O professor jubilado da Universidade Autónoma de Madrid tem defendido a ideia de que as sociedades industriais vivem “o início de um processo de colapso geral”.

A teoria, desenvolvida num livro de 2019, debruça-se sobre alterações sociais, económicas e ambientais profundas. E desenha uma cena onde a geografia importa: “Os espaços visivelmente turistificados vão ser cenários principais de circunstâncias muito adversas. E, infelizmente, o Porto e Lisboa reúnem essa condição. É sabido que a turistificação tem já, aliás, muitos perdedores.”

Se, neste momento, Porto e Lisboa são atractivas, como cidades de maior dimensão e associadas a mais oportunidades, Carlos Taibo antevê uma possível reversão disso. “O processo pode mudar, de

tal forma que o colapso provoque o regresso ao mundo rural de muitos dos habitantes das cidades. Em particular em lugares muito marcados por uma turistificação insustentável.”(...)

A pandemia ligou o botão de alerta. O confinamento, escreve Carlos Taibo no livro, fez reaparecer uma cidade que julgava “definitivamente morta”. Mas, quatro anos depois, o balanço não é entusiasmante. Aprendemos alguma coisa com a crise pandémica? “Não aprendemos muito”, responde. “O propósito posterior à pandemia foi reconstruir o que havia antes. Não aprendemos nada, nomeadamente, no que diz respeito à reconstrução de relações humanas não-marcadas por uma activa mercantilização. Os grupos de apoio que se criaram nos momentos iniciais do confinamento não deixaram, infelizmente, nenhuma pegada importante.”